

Fernando Paixão¹

Começo a nossa conversa fazendo uma rápida retrospectiva pessoal. E que me remete aos anos de 1970, quando era estudante de jornalismo na ECA e acompanhava livremente alguns cursos das Letras, ministrados nas antigas colmeias. Foi naquela época que comecei a assistir às aulas e ler os textos do Prof. Bosi. Era presença obrigatória na minha bolsa a *História concisa da literatura brasileira*. Mas, em especial, não me esqueço do ano de 1977, quando li deslumbrado um livro recém-lançado que levava o título de *O ser e o tempo da poesia*.

Lembro bem ainda hoje o espanto que senti ao entrar em contato com aquele ensaísmo tão diferente, na forma e no conteúdo. Reli diversas vezes o capítulo I sobre a imagem, que me fascinava. Foi quando pela primeira vez descobri que é possível escrever crítica literária de mãos dadas com a poesia. Era o tempo em que o pensamento estruturalista e o marxista, dotados de amplas certezas e postulados, ainda dominavam o debate intelectual na universidade.

Em meio a esse ambiente, aquele livro trilhava um caminho próprio, apoiado em autores que posteriormente se revelaram essenciais na formação intelectual do nosso autor: Benedetto Croce, Gaston Bachelard, Giambattista Vico, Antonio Gramsci e alguns outros. Aparecem nesse livro as primeiras reflexões sobre ideologia, defendendo a ideia de que a poesia constitui uma forma cultural de resistência, conceito esse que depois vai ganhar muitos desdobramentos.

Mais tarde, coube o destino de nos conhecermos e de eu ter sido editor de três de seus livros. Primeiro, com a publicação de *Céu, inferno* (1988), em que Bosi se volta para a análise dos autores marcantes da literatura brasileira (Graciliano, Guimarães Rosa, João Cabral e Mario de Andrade), mas também dando braços à sua paixão pela literatura italiana. Depois, editei *Leitura de poesia* (1966), livro por ele concebido e que reúne uma apresentação sua e de colegas da universidade, mostrando a diversidade de ângulos críticos com que se pode analisar o discurso poético. Em 1999, foi a vez de *Machado de Assis: enigma do olhar*, em que pela primeira vez Bosi reuniu seus ensaios sobre o bruxo de Cosme Velho.

1 Fernando Paixão é docente de literatura no IEB.

Mas, não é o caso de rememorarmos aqui todas as obras do autor. Não teremos tempo para tanto. Para o assunto que mais nos interessa diretamente, é obrigatório, porém, lembrar de *Dialética da colonização*, de 1992, pela Companhia das Letras. É com esse livro, concebido e pensado desde 1970, que o autor passa a alargar o campo de suas reflexões, enveredando para uma visão multidisciplinar, com o objetivo de entender o estigma colonial e suas repercussões. Temos aí a integração entre o minucioso comentário sobre alguns escritores do período e uma fecunda reflexão que também se nutre da História, da Filosofia e – não há como negá-los – dos fatos políticos.

Certos aspectos das artes literárias de Padre Anchieta, Gregório de Matos, Padre Vieira e José de Alencar são comentados, mas acompanhados de um fundo histórico e social com o qual dialogam. Nessa visão, a literatura está entendida como uma forma do imaginário em que a nossa cultura expressa suas contradições. Torna-se assim natural que apareçam na discussão temas como o conceito de colônia, os impasses do processo civilizador brasileiro e a peculiar relação entre escravidão e liberalismo.

Cabe notar nesse livro o estilo seguro, ágil, e ao mesmo tempo pessoal, com que Bosi desenvolve as suas ideias. Chama a atenção o modo rigoroso e erudito – por conta da necessidade do argumento, sem afetação – com que ele compõe a sua trama conceitual. Volta e meia, depois de longa explanação teórica, ele recorre a uma imagem poética para assinalar esta ou aquela notação mais importante. Ou seja, ele nos apresenta um pensamento crítico também atravessado por intuições e jogos de linguagem.

Pois bem, *Dialética da colonização* apresenta um diálogo evidente com o livro recente, publicado há poucos meses: *Ideologia e contraideologia*. De certo modo, podem ser lidos como obras complementares.

É difícil resumir essas 448 páginas de intenso corpo a corpo com um conceito tão volátil e abstrato quanto encarnado na prática social: a ideologia. Ideologia essa, porém, que não chega a ser soberana e não consegue por completo criar o Leviatã. Há sempre situações que escapam ao controle e abrem pontos de tensão, de contraideologia, corroendo parte do pensamento hegemônico.

Em seu novo livro, Alfredo Bosi começa por esmiuçar o conceito de ideologia e seu campo de influência nas ideias, travando um cerrado diálogo com o pensamento e as entrelinhas de diferentes filósofos da cultura pós-renascentista. Ao comentar passagens e conceitos de Montaigne, Montesquieu, Vico e Rousseau, entre outros, cada texto adiciona uma espiral a mais na construção do edifício teórico do autor.

O mesmo se dá na margem da contraideologia, despertada por uma pergunta que Bosi formula logo na abertura de um importante texto do

livro: “É possível escapar das redes que as ideologias lançam continuamente sobre e entre os membros de uma sociedade, não excluídos os seus intelectuais?” Os ensaios finais da primeira parte do livro vão se ocupar dessa questão e apontam algumas respostas, com particular ênfase no exemplo de Simone Weil e nos valores ligados ao trabalho, à cultura popular e à religião. Centelhas que resistem ao rolo compressor da ideologia.

Na segunda parte do livro, o foco se volta para a cena brasileira, mas com ensaios norteados por preocupação idêntica, a saber, uma dissecação do componente ideológico e contraideológico presente nas ideias de importantes pensadores brasileiros. Para além da força ideológica que sempre apresentou feições primitivas entre nós, Bosi aponta uma vertente anti-ideológica no pensamento de Celso Furtado, contrário ao “terrorismo metodológico”, e também na atuação do Padre Lebrez e sua defesa do “catolicismo social”.

De par com isso, o autor discute ainda o pensamento antiescravagista de Joaquim Nabuco, num ensaio iluminador e de muito interesse para os historiadores, procurando resgatar a gênese da formação liberal dessa figura tão importante. Não bastasse o banquete tão farto, o ensaio final serve de especial sobremesa, pois trata de Machado de Assis, apontando com minúcia de argumentos o chamado “nó ideológico” de Brás Cubas, que, apenas na aparência, assume os gostos de sua classe.

Bem, este é apenas um breve e tosco resumo da obra, com vistas a mostrar o contexto da nossa conversa e dar início a ela.

Ao juntarmos os dois livros – este que se vai comentar e o anterior, *Dialética da colonização*, com o qual mantém vínculo direto –, só nos resta fazer coro com o que se anda escrevendo por aí: estamos diante de um clássico do pensamento brasileiro.

E estamos aqui justamente para discutir diferentes tópicos relacionados a esses temas.